

Tem uma hora em que a gente se encontra

Por Bernardo Mosqueira, 2016

Tem uma hora em que a gente se encontra.

(ao meu amor)

(Fora Temer)

Os trabalhos da artista carioca Anna Costa e Silva (1988) questionam os processos de formação do sujeito e das identidades e experimentam diferentes dinâmicas de relação exatamente para investigar a comunicação como força estruturante para formas originais e férteis de socialização. O encontro tem sido seu objeto de investigação - mas não apenas isso. “Assíntotas”, desenvolvido pela artista entre os anos de 2010 e 2014 durante seu mestrado em Artes Visuais na School of Visual Arts em Nova Iorque é uma videoinstalação imersiva, exposta pela primeira vez na Caixa Cultural do Rio de Janeiro em 2014 e é composta por três grandes telas montadas em formato de U, seis canais de som e diversos assentos confortáveis no centro da sala escura onde o público pode se acomodar pelos 45 minutos de duração da projeção.

Com “Assíntotas” remontada para o Espaço Movimento Contemporâneo Brasileiro em 2016 a partir de um generoso convite de Cristina Burlamaqui, pode-se ver, novamente em três telas devidamente especializadas, o resultado do experimento no qual Anna convidou a atriz Carolina Macedo Haddad e o ator Felipe Abib para viverem por pelo menos 12 horas por dia, durante 7 dias, separados em dois quartos de um mesmo apartamento. Durante esse tempo, os artistas se relacionaram por meio da troca de vídeo-cartas que foram gravadas a partir de roteiros e projetadas no quarto do interlocutor. Em nenhum momento desses 7 dias, os atores se encontraram, e a todo tempo poderiam alterar o roteiro. Muito da tensão do trabalho está nesse desejo e iminência de encontrar o outro. Entre as cenas programadas e as improvisadas, há ainda momentos em que os atores comentam sobre a própria experiência de filmagem do trabalho. Na tela da esquerda está o universo do ator, na da direita o da atriz e na do meio está o espaço de fricção e construção a partir dos dois. A palavra “assíntota” vem do grego, a- (não), syn- (junto), ptotos (caído), “o que não cai junto”, o que não coincide.

Função, na matemática, é uma equação que define a relação entre elementos de dois conjuntos. Por exemplo: $f(x) = 1/x$ ou $y = 1/x$. No plano cartesiano, a função pode ser expressa como o desenho da relação entre dois eixos. Assíntota, na matemática, pode ser entendida, graficamente, como a reta-limite à qual o movimento da curva de uma função se aproxima sem nunca de fato tangenciar. Porém, quanto mais um dos elementos da função chega em direção ao infinito, mais próximo fica o toque – que não se realiza.

Se toda a obra de Anna Costa e Silva trata justamente do encontro, “Assíntotas” poderia parecer afirmar que, independente do desejo e do esforço, nunca seremos capazes de chegar ao outro. Mas não.

Em um trabalho mais recente, intitulado Práticas de estar com, Anna propôs que pessoas desconhecidas se relacionassem durante algumas horas a partir de um livro que apresentava, página-a-página, uma sequência de instruções incomuns capazes de esticar e dobrar as membranas em relação. Na proposta encontro, unidade mínima de seu trabalho, Anna convida pessoas para entrarem em sua barraca de camping para ter conversas individuais nas quais o único imperativo é que se olhem nos olhos por todo o tempo em que se estender o encontro. Em um trabalho que, ao final, terá a duração de 10 anos, Anna convida atrizes e atores para interpretar a ela mesma na série Autorretrato.

Os encontros não cabem na matemática, não podem ser lidos de forma prosaica nem aritmética. Os encontros, como a vida e mundo, são poéticos, tem rimas e dissonâncias. Estão além das palavras, como sugere Felipe Abib num momento em “Assíntotas”, acontecem nos silêncios, onde a ordem ou o sentido não existem. Estão no espaço entre letras e algarismos, no ar que passa pelas cordas vocais, que entra pelas narinas. Estão no que resta de velas sobre a mesa, de banana no prato, de poeira de estrela no corpo ou de poeira de couro cabeludo sob as unhas. Ou nos furos num sapato feitos com pregos na tentativa de fincar-se no espaço do outro. Os encontros são quânticos, podendo ser ao mesmo tempo mais que enormes e menos que mínimos, pois a contradição não existe no mundo, mas apenas na linguagem. Não cabem na matemática, mas caberiam exatamente no inapreensível, mínimo e infinito espaço entre o desenho da curva e a assíntota da função – pois o que acontece é que os encontros não cabem no plano na representação. O encontro, em Assíntotas, está na busca, por si mesmo, pelo outro, por algo que justifique a existência. Atores, personagens e trabalho se misturam num processo vivo, que independe do que foi planejado e vai em direção ao infinito, o universo de cada um em relação ao outro.

O que acontece em “Assíntotas” é uma proposta de relação, que Anna Costa e Silva leva adiante em seus trabalhos, tendo o encontro não apenas como objeto de pesquisa, mas como procedimento, técnica e matéria.